

o embriaga, o consome, como a luz à traça. O absurdo do atentado reside não no executor e em sua consciência, mas no fato em si e em sua conexão com uma situação passageira. O terrorista se vende excessivamente barato. Por isso, seus propósitos conseguem quase sempre efeito contrário.

O anarquista depende, em primeiro lugar, de sua obscura vontade, e em segundo lugar, do poder. Acompanha o poderoso como a sombra ao corpo. O soberano está sempre em guarda diante dele. Quando Carlos V subiu uma vez a uma torre com sua comitiva, um capitão se pôs de repente a rir. Submetido a intenso interrogatório, confessou que lhe ocorrera o pensamento de que, se tivesse agarrado o imperador e o atirado no vazio, inscreveria para sempre seu nome nas páginas da história.

O anarquista é o antagonista do monarca. Ele sonha em aniquilá-lo. Dirige-se contra a pessoa, porém consolida a sucessão. O sufixo “ismo” tem função restritiva. Acentua a vontade à custa da essência. Devo esta informação ao gramático Thofern, protótipo do crítico metucioso.

A contrapartida positiva do anarquista é o anarca. O anarca não é o antagonista do monarca, mas seu pólo contrário, algo que o poder do monarca não alcança, embora seja também perigoso. Não é o adversário do monarca, mas seu correspondente.

O monarca pretende dominar muitos, ou melhor, todos. O anarca, somente a si mesmo. Isto o situa em uma relação objetiva e também cética em face do poder, cujas figuras deixa desfilar — sem tocá-las para coisa alguma, mas não sem emoção íntima, não sem paixão histórica. Todo historiador é, em maior ou menor grau, um anarca; caso tenha estatura sufi-

ciente, a partir desta base se converte em juiz imparcial.

Isto afeta a minha profissão, que levo muito a sério. Além disso, sou o *barman* da noite no alcácer; mas não quero dizer que leve menos a sério esta segunda atividade. Aqui me acho diretamente inserido nos fatos, tenho contato com pessoas de carne e osso. O anarca não constitui empecilho ao meu ofício. Ao contrário, é seu fundamento, pois é o que tenho em comum com todos, só que me dou conta disto. Sirvo ao Condor, que é um tirano — esta é sua função, como a de *barman* é a minha. Ambos podemos nos retrair até a própria essência: até o humano, em seu âmago ainda anônimo.

Quando, no decurso de meus trabalhos com o luminar, fiz um resumo do direito público, desde Aristóteles até Hegel e ainda mais adiante, chamou-me a atenção o axioma de um anglo-saxão sobre a igualdade dos homens. Segundo ele, esta igualdade não está na sempre mutável distribuição de poder e meios, mas em uma constante: todo homem pode matar outro homem.

Naturalmente é um lugar-comum, embora exprimido numa fórmula atraente. A possibilidade de matar outros entra no potencial do anarca que todos trazem em si, embora poucos o percebam. Dormita sempre no fundo, inclusive quando dois se cumprimentam na rua ou dão volta para se evitarem. Aflora um pouco mais quando se está em uma torre ou um trem se aproxima. Além dos perigos técnicos, registramos a presença próxima do outro. Este outro pode ser meu irmão. O antigo poeta Edgar Allan Poe expressou-o, com formas geométricas, em seu *Maeltrom*. Por via das dúvidas, queremos manter nossas